

## CONTÉM

- I O verde Eduardo 1 e 2  
Sobre um potro  
Garças garças garças  
*Cattleya plurabela*  
Rosas juntas 1 e 2
- II Egito  
*Daniel: IV, 32-33*  
*Eneida: VI, 847*  
Isaac Laquedém  
Tristão & Isolda  
Fausto
- III O poeta sem rosto  
À margem de Cervantes  
Hölderlin  
Sob a lâmpada  
*Wuthering Heights*  
a Nietzsche  
a Hopkins  
.
- IV Nós  
Na última página de Os Sertões  
O poeta vindouro  
Saudações  
Pancetti Pintor Pintura  
SR  
Prosa para um bibliófilo

F ECHAM-SE as pálpebras  
ao toque do sono  
na fronte. . . Grimpavam  
rosas rosas rosas

Num casarão de ilha  
– argamassa e lenda –  
nada a temer. O único  
fantasma se morrera

De ver, na orla  
marinha, um infante  
Olhava pra frente  
e levava uma âncora

Marco-Milhão menino  
as grandes viagens sem  
partir. E que de amores  
só dele!

No coração das coisas  
íntimo da pedra  
bebendo toda a luz  
em seu raio de Sol

Ia-se cada noite  
na fímbria do sonho  
Outro dia nascia  
verde novo herdeiro

2.

**A**LADOS os pés

Mas rotas as botas  
A grenha revolta  
O corpo sem jeito

Mab, a de mão leve  
passa pelo quarto  
Na face espinhosa  
perpassa um sorrir

Lasso - de ócio  
ei-lo pelo cais  
Tanta raiva dentro  
o rubor enorme

Traga o seu cigarro  
Naves-forma o olhar  
Onde ondulam ondas  
só aventura acena . . .

Quem na oca Cidade  
o olha nem vê  
E a canção a *Ela*  
escondida no bolso:

Ó rosto nascido  
em mim, te recrio  
com tanto fervor  
que vou te encontrar

O VERDE EDUARDO

*i.é. os segredos da tua infância e adolescência*

## GRANDE, MECHAS AO VENTO, RELUZENTE

- de novo

contra o soerguido fundo-azul de Heliópolis  
o potro, rolado um tempo no abismo  
e pela faina dos homens esquecido,  
(ali nutrido só da água chuvida  
das raízes brotadas no espaço escasso  
do Sol, girassol que assolava)  
era, espanto dos olhos na vertigem  
de um setembro, o forte animal gerado  
ó Terra! no teu bojo prodigioso  
com asas, para a reta dos hipódromos:

seu gráfico perfil cavalga o ar  
rumo do mar, o mar das grossas vagas

O POTRO - episódio real & pintura

MELANCÓLICAS aves

ó decorativas  
de antigos parques

Ciência? Paciência  
da cândida plumagem  
manter o esplendor?

Ciência? Indigência  
essa postura grácil  
esse colo em S?

Ciência? Sapiência  
toda essa altanaria?  
Absortas em quê?

Senhores e praças  
foram-se, e os falcões  
de apanhar no ar

Foram-se . . . Não se foi  
vossa real graça  
- pássaros de exílio

GARÇAS GARÇAS GARÇAS

*branqui-róseas damas d' antanho no tapete negro do pântano*

COMO o jovem poeta que sabe no coração  
um dia escreverá certo poema;  
o astrônomo, em seus cálculos situa  
antes de tê-la, a possível estrela;  
vinte anos -  
vinte anos um homem com a imagem da flor conviveu  
que tinha que existir em sua singularidade  
(tais cores, tal forma, no limite de tal clima)  
e para ele só o nome repetia que lhe havia  
destinado: Plurabela, Cattleya Plurabela;  
ah! declino  
em palavras e sem a amável paciência desse obstinado  
dizer a aurora dentro dele - por fora um sorriso - quando  
seus erguidos braços recolheram na mata-virgem a esperada,  
a difícil que se entregava e seu néctar armazenado ao fundo.

CATTLEYA PLURABELA

*para Mozart Coube Rodrigues, pintor em suas horas, que entre orquídeas  
me referiu a estória e a pessoa*

VINHAM abelhas milenárias

colher de cada rosa  
o pólen da estação

Castas e oferecidas  
eram na cerca-viva, véu  
de espuma, filhas gentis da terra

Onde do calendário aquela  
rosamanhã? - Tenho-as, brancas  
(não flores de um dia)  
continuadas sim  
no pensado perfume

2.

ROSAS na chuva. Rosas

no vendaval da tarde  
A vermelhar os ramos  
rostos em seu capuz

Oito, e que reais: rosas

Noivas do efêmero, asas  
num ocaso do mundo  
golpeadas de frio

Ou cúmplices do eterno?  
em outra solidão, mansão do espaço  
sempre e ainda, rubras rosas

ROSAS JUNTAS

*são as mesmas que em La Vida es Sueño se singularizam no dístico: " ...  
bellísimo laberinto / de flores, rosas y plantas"*

**N**O CÍRCULO, de improviso

civilizado do Parque  
aquele lago de lotus

Quietas, nas hastes altas  
em rebanho as largas folhas  
são inclinadas faces

hieráticas, Nefertite! e vejo  
a de rasgados olhos pousados  
bela cujas mãos sustêm os sistros  
no visionário Faraó -

para sempre  
junto ao Nilo, no ardente areal  
Tell-el-Amarnah, a fulgurante cidade  
ao disco unânime no zênite

EGITO

*Tell-el-Amarnah, sobre o Nilo, para onde Akhnaton mudou a capital do império*

Este poema pertence a Silésio Nascimento

*fala o Rei*

**S**OBRE BABILÔNIA a grande que edifiquei  
(ano trigésimo do meu reinado)  
afivelei um dia a máscara no rosto  
Como Hamlet, meu real parente, fui sempre  
revisitado no leito por visões  
de noite, oh, os belos sonhos!

Até que do terraço do paço o olhar  
sem duques demorou-se nas coisas e vi  
vi! com olhos de furacão  
Eu, por espelhos a palpar o tédio  
e a animália do campo as hastes as águas  
as abertas asas, nem o proclamam,

existem! E eu, posteridade dos deuses,  
rei dos reis? - Deposto visionário  
desossado pelo conforto-grilhões  
em púrpura. Os carros de raios-de-ouro  
Lampadários de ouro. Douradas ciências  
Mancebos babilônios suando ouro. Não!

Nu, me cubro de meus naturais cabelos  
branda como da relva junto ao boi no vale  
*ninguém*, no verde rojo o corpo por inteiro  
Seguindo o giro da águia afio nas suas  
garras as minhas unhas - e serei  
molhado pelo orvalho, NABUCODONOSOR-REI

DANIEL: IV, 32-33

*Na mesma hora cumpriu-se a palavra sobre Nabucodonosor: foi ele expulso dentre os homens e comeu feno como boi, e foi o seu corpo molhado do orvalho do céu, até crescer o seu pelo como as penas das águias, e as suas unhas como as das aves.*

Para o ator B. de Paiva

*tu regere imperio populos, Romane, memento*

**F**IGURAR Atenas por legionários

invadida, visitada por patrícios de cabelo à testa  
a passearem a ágora, o Partenon, os mármore ... Ah,  
o que tinha de ser, talvez, mas não

é mal pensar -

Não tivesse essa povo-rei, político e predador,  
existido! Que outra - conjecturo -  
a floração dos chamados bárbaros em nações:  
virtú tumultuosa de glandes de carvalho em germinação!

Certo os hirsutos Jugurtas, Vercingetórises, Viriatos  
em carnagem ter-se-iam erguido. - Seria  
pugnar perigosamente entre iguais, e um dia  
jamais um dia a PAX ROMANA e o resto

Por que há-de em todo tempo e lugar o heróico dobrar-se  
Numância até o derradeiro guerreiro! ó Roma  
grandeza sem grandeza

ENEIDA: VI, 847

*Tu, ó Romano, com teu império, lembra-te de governar os povos*

**E**RRANTE – rompo distâncias  
horizontes que longeiam sempre  
Rolam séculos, só não cessam  
os caminhos

Vi muitos sóis. Vi areias  
Vi águas, Vi árvores, Vi muros  
Vi impérios, Vi guerras, Vi  
rostos e rostos, – Meus olhos  
cegaram, e velhecida  
de mundo, a alma verga  
Eu vi o nada! Eu vi o NADA!

Já não posso! O tempo rápido  
é lento em mim. Quero deitar  
raízes. Pousar a cabeça  
e esquecer, esquecer e esquecer  
Uma inteira eternidade

ISAAC LAQUEDÉM  
*ou o Judeu Errante da lenda e da literatura*

## MORTOS os dias. Morta

a aventura. Morto o afã de absoluto  
Dura o grande pinheiro na planície,  
duram, sem tempo, as pedras do castelo;  
    naus das terras d'Irlanda e Cornualha  
rompem as águas; reina el-Rei; pervivem  
a aia, os felões, a felonía. Dos que acordam  
e provam, desde a hora primeira,  
    o selo. – Que passe a amada  
a Bela-dos-Cabelos-de-Oiro e junto  
jaza ao amigo inerte. Foram chama.  
    A luz e seus contornos os negaram,  
o chão e o destino, a noite os una:  
deles amantes! a paixão, deles a morte

## TRISTÃO & ISOLDA

*aqui, legenda e símbolo se unindo para esplendor de Eros;*  
a Arnaldo José de Castro

**T**EM, na intensa labareda, o evocado Espírito  
da Terra, mas à aterradora visão a mente desconcerta  
e, obsessiva lâmina, o abismo a fascina

Ainda não, Satã. Renascer! Renascer! Perto  
do júbilo, do êxtase, em sangue-e-sonho  
ó Senhor da Vida, amador cada instante e amado

Sempre mais alto sempre! o mundo, o mando, o fragor  
guerreiro, Helena, a mais bela, acima o estrênuo gozo  
entre os homens, do Fazer, e o renome: FAUSTO

Novamente – oh desastre! – o fim recoloca-o  
no início, noturno e acabado, um homem  
E a pequena verdade agora vã ciência –

SÓ O PERSEGUIR PARA UM MORTAL É A META FELIZ

FAUSTO – ou  
*o homem, no centro do desconcerto, terrivelmente vivo*

No centro VIRGÍLIO o altíssimo poeta  
à esquerda OVÍDIO, HORÁCIO à direita

Mas, e o poeta sem poemas  
sem louros, sem nome? - Um glabro infante talvez  
a ocultar na tralha reiúna farrapos de papiro  
– todo seu bem – escritos entre refregas

Oh, Poesia! este  
não dedicou epodos nem odes a César, não esteve  
nos brancos braços de Júlia, não  
se reclinou nos triclinios em palácio

Morreu aos vinte anos, morreu mesmo  
Ou não: pequeno escriba, apodreceu  
enquanto Roma governava o mundo  
no Arquivo Imperial de um Forum de província

#### O POETA SEM ROSTO

*um denodado da prima ou tertia legião de Tibério, quando general a  
predar as terras do ocidente*

P ELO RASGO noturno da mansarda

o olhar se queima na planície hispânica  
e o solitário homem, consumada derrota de muitos  
dias: vivo! cego ao juro e usura, fiel sempre,  
sopra com sua idéia a sombra nítida  
do engenhoso Cavaleiro

Escudo e lança

carga-pluma sobre a fraca montaria  
entre o céu a ocidente, o pardo chão mais o escudeiro,  
a mente em sua dama, por um mundo saciado  
oh mundo às gargalhadas, que os serviços lhe dispensa  
funda num-só a imagem do Homem e Herói - este  
quando Europa for inteira um deserto  
areal e a Cristandade lenda, o Livro

À MARGEM DE CERVANTES

"...livro comparável a uma extensão de água que qualquer menino  
atravessaria, e na qual o mais atilado filósofo, para não soçobrar, vê-se  
obrigado a nadar." K. Vossler

PARA ele –

crescido nos braços dos deuses  
a terra estrangeira  
a fuga

Para Hölderlin –  
de todos os mais belo  
o rugir das vagas estígias  
o rigoroso chamado

Sobre o nada  
de muitos dias de homem  
um túmulo se fecha:  
restam uns poucos poemas

Ó Diotima! Aqui  
um tal destino assombra  
e queda  
em seu mistério

(longe, soará outra  
hora para os amantes?)

HÖLDERLIN

*o poeta adolescente que a divina loucura preservou*

Para Luis Antônio Pimentel

UM PERSONAGEM - Henry Beyle

com a bengala desenha na areia: Virgínia

Ângela                      Giúla

Melânia                      MATILDE

tantas mulheres amadas! amado de nenhuma

Amargamente se espanta:

"Vou fazer 50 anos"

Recolhe-se (já o repentino  
frio malsão da tarde gela-lhe os ossos)  
e outra lareira acende, a da imaginação,  
o vício impune (O século XIX, que o ignora  
tumultua) À luz do candelabro  
cresce no silêncio o rascar da pena no papel,  
a mão escreve escreve:

ele é o ousado jovem Julien, querido  
de duas mulheres, é o esbelto Fabrício  
é o conde Mosca, amante da San Severina - é STENDHAL.

SOB A LÂMPADA -

*de desastre em desastre no amor, astro na arte da invenção romanesca*

P OETA nutrido de reclusão –

visionária que no âmago da maior distância  
(chame-se Ângria, Zamora ou terra de Gondal)  
êxtases descobrias de eternidade, Emily Brontë,  
vale a pena contigo

atolar nas landas pantanosas da charneca  
tuas nativas colinas correr onde cresce a urze  
a calhandra veste o ar de seu voo baixo  
findar em febre o dia de borrasca  
num pesadelo ouvir o silvo dos uivantes ventos  
o espetáculo de devastadas almas, selvagem linguagem,  
grossos gestos -

e, de espanto, parar àquele de Catarina  
infinito grito: "I *am* Heathcliff!"

WUTHERING HEIGHTS

*Emily, a do Morro dos Ventos Uivantes, que no cap IX escreve:*  
*"Nelly, eu sou Heathcliff"*

Este poema é para Hugo Tavares

**G**RANDE tua ótica para qualquer espaço!

Violentemente tiveste que te inventar em Zarathustra,  
fugindo aos nevoeiros do Norte  
levá-lo a banhar-se à luz do Meio-Dia

No teu deserto universo  
ressoante de notas de piano  
convocas o Homem para a canção da alegria  
alegria que quer selvagem, profunda eternidade

Bailando e rindo baixas à planície . . .

Não, não te ofendo com a piedade  
Direi: enlouqueceste por querer -  
sócio dos raros que refogem à legião, náufragos  
sim, vivos com a águia e a serpente, Dionisos

a NIETZSCHE

*que habitava as alturas nevadas do Engadine (Alpes) e tentou arrancar o  
homem – de verme a estrela.* Para José Francisco Coelho

PENSAR que entre vitoriosos  
a turba-calibã dos quadro de Bosch  
inadvertido existisse! e, sal e fervor,  
por ti e iguais a Terra subsiste

Todas, na suasória  
eternidade as erronias se recomporão?  
Aqui, um homem agoniza, um puro  
e, aparentemente, é o Time's eunuch

Outro no século te reconheceria,  
só atravessar a Mancha aquele  
lamentável senhor - para que  
alimentar impossíveis? Mallarmé

Lúcido leio no quartzo  
veio-de-ouro de cada verso, respiro  
ó de um mundo pretérito, poeta futuro!  
a esquisita doação de teu exíguo dizer

a HOPKINS

*padre e poeta metafísico, que de vitoriano veio a contemporâneo nosso*

VEM do fundo do mato-virgem  
vem do informe para a forma  
tudo nele é hiléia

De todas as cores, nenhuma  
- piá príncipe imperator  
tudo nele é trópico

Macunaíma, ôi! mano do Cererê  
da Cobra Norato, do João Grilo  
da Capitu, de Riobaldo

Macunaíma! Macunaíma!  
grão histrião, mor orador. Ai!  
não somos un pays sérieux

MACUNAÍMA - herói de nossa gente!

(que vamos fazer da tua  
poeta Mário, rapsódia –  
Tirar pedras contra o espelho?)

NÓS

*Macunaíma (o Brasil?) herói sem nenhum caráter*  
Para Carlos Couto

A COMPANHAVAS a expedicionária  
força armada, litoral contra sertão,  
Civilização contra Barbárie?  
Teu peito, e assim nós, teus leitores  
Euclides! inteiro estava do outro lado

Pulso dúctil ao heróico,  
teu geométrico grande livro é  
o nosso Livro  
infelizmente

O que teria sofrido a tua lucidez  
(tu impulsivo que havias arrojado a espada  
aos pés da farda)  
ter de acusar, repto e furor,  
em lugar de compor uma epopéia!

NA ÚLTIMA PÁGINA DE OS SERTÕES

*onde se lê: "É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes  
das nacionalidades..."*

ENQUANTO a mulher acalanta o filho novo

o homem constrói, nós, os operários  
mais chegados às tuas vias, com amor  
vamos amontoando os materiais para o Livro,  
oh Cidade-esplendor que já existe em seu lugar!

Espaço há ainda para grandes eventos  
tempo muito para júbilo e dor e ninguém viu  
teu rosto. Podemos apenas supô-lo:  
Nascerás de um morro? De um arranha-céu?  
Serás belo e forte? Manso ou orgulhoso?

Ser de destino, sobre ti vão abater-se  
as fúrias, a noite, exílios. Que importa?  
Tua alma de assinalado, ó Bardo!  
tua alma livre será - e tu, feliz

virás ao encontro de todos com o Poema!

O POETA VINDOURO

*o que comporá a saga brasileira e dirá a porção da nossa honra no Canto geral*

NÃO te vemos na remota Aiuruoca,

País das Gerais, nós outros, os farautos

Nem torreado dentro de paredes, embora

Cidade e centenária casa originariamente

sempre te nutram o coração mineiro, inquieto

entre autos, livros em ruma e o retrato de Mário

Em *Epístolas e Elegias*, na estante

marcamos encontros periódicos para do S. Francisco

as margens navegar, ou afiar

o subversivo verbo (não embote) nas esquálidas

barbas do Protomártir -

DANTAS MOTTA

instaurador de mitos e legendas, poeta de

inconfidente sopro e dardo forte e frágeis rosas

SAUDAÇÃO

*a Dantas Motta (José Franklin Massena de) na cifra redonda de seus sessent'anos*

P<sub>ELO</sub> que o acaso tenha carreado  
para teus óleos de efêmero  
isso, Pancetti, não conta, o tempo desagrega;

mas pelas tuas lisas pinceladas  
assimiladas por mãos de grumete a pintar navios  
(mãos de neto e filho de artesãos em mármore  
mestres d'obras de Massa e de Carrara);

tuas cores ascéticas  
cores que entre a paleta e o lugar no quadro  
acenderam e estão; pela, neles,  
aérea perspectiva, céus intuídos, adivinhados;  
aquele deus-dentro-de-ti perante a tela em branco  
logo palpitação de mares e de pedras, de areias  
e de barcos, – isso ficará.

PANCETTI PINTOR PINTURA

*a Pancetti (anteponha-se José), o das marinhas e figuras espantosas*

LONGE, lá na Índia, foi você ocultar-se  
dos amigos. Como? se dar-se  
Santa, era em você o jeito pessoal

Três vezes sete anos se passaram  
Mais fosse! Impossível esquecer sua cordialidade  
o sempre-igual

A marca - SR -  
dos improvisados desenhos, onde  
um risco radioso resumia o Nordeste  
afigurava um perfil de Alencar  
outros perfis

Impossível esquecer o lado-vivo  
obra-prima, Santa Rosa, de você;  
aquele estar presente inteiro em cada instante

SR

*Santa Rosa (Tomás Santa Rosa Jr.) que, em viagem, morreu em Nova Déli*

UM SENHOR que inda há pouco frequëntava  
as lides do Direito -  
homem de dois endereços, uma só cara  
certa torre devagar vai construindo. Tijolos  
são livros livros livros sempre livros

Cuidais vê-loilhado nesse feudo? Antes promove  
a presença de amigos  
assim faria noutro século o patrício Plínio-o-Moço:  
"Aguardo um telefonema seu, mas desde já  
abertas estão as portas para um sabadoyle."

Temam os senhores do DOPS! Naquela casa  
sob esmeralda e in/sônia de oitizeiros  
Ipanema, ali fim-de-semana se conspira. - Sim,  
sobre primas edições, um número raro de revista morta  
aquele autógrafo de Machado e o mais

- o mais, companheiros, é o suave convívio dos  
neg/ócios do espírito

#### PROSA PARA UM BIBLIÓFILO

*Sabadoyle, palavra-montagem para nomear as reuniões, aos sábados, em  
casa de Plínio Doyle*

## ORELHAS

XAVIER PLACER a seguir de *Minipoemas* e *Elos/Eros* comparece com *Memorial*: monumento (em palavras) de louvor, lembrança, homenagem, túmulos.

Os escólios ao pé de cada unidade - precedidos pelo título do poema - não revestem intenção de legenda em pintura, suporte explicativo

Digo que enquanto o poema flutua acima do centro geométrico da página, os escólios, na linha baixa ou plataforma, colaboram com alusões, num quase murmúrio

Assim, e breves. O que quer dizer: não dispensam, antes motivam, a curiosidade perceptiva e as associações do leitor-participante.

Vinte e cinco poemas só, em quatro cadernos, onde se fala de - gente, animal, flor, livro e suas multivalências.

NESTE *Memorial* o apuramento da forma solicita mais que o ler, o reler, lúcidos.

Principalmente solicita a função *memorialis*, suma visão de estesia, de inteligência daquele que lê.

Aqui o verso é gênese da palavra; e a palavra é o signo em viagem (melhor diria, o timbre), subitamente convocado da *langue* para cumprir novo destino.

É o poeta consciente do seu *fazer*. Os poemas são emblemas, como lavrados na verticalidade ou na horizontalidade dos brasões. As estrofes sugerem: o gole (valor, atrevimento); o blau (louvor, justiça); a sinople (amizade, honra) e o sable - aflição, dor, sagesa ...

*Memorial*, de escritor eqüidistante, imprime o *lucidus ordo* na poesia brasileira.

HUGO TAVARES